

CARNAVAL



Centro Apologético Cristão de Pesquisas

www.cacp.org.br

Índice

ORIGEM HISTÓRICA.....	03
ETIMOLOGIA DA PALAVRA	04
PERSONAGENS CARNAVALESCAS	05
- Colombina.....	05
- Arlequim	05
- Momo.....	05
A ORIGEM DO CARNAVAL BRASILEIRO	05
- O Entrudo (1985)	06
- Mascaras e Fantasias	06
- Os Bailes	07
- As Sociedades.....	07
- O Zé Pereira.....	08
- Os Cordões.....	08
- O Rancho	09
- O Corso.....	09
- As Armas	10
- A Marchinha	10
O SAMBA NO CARNAVAL	12
- Identidade	12
- Origem da Palavra “Samba”.....	13
- Geografia do Samba.....	14
- Cronologia do Carnaval	16
- Posição da Igreja Evangélica sobre a questão.....	21
- Evangelismo ou retiro?	22
BIBLIOGRAFIA	23

O Carnaval – A história da festa da carne

ORIGEM HISTÓRICA

Segundo definição genérica, o carnaval é uma festa popular coletiva, que foi transmitida oralmente através dos séculos, como herança das festas pagãs realizadas a 17 de dezembro (Saturnais - em honra a deus Saturno na mitologia grega.) e 15 de fevereiro (Lupercais - em honra a Deus Pã, na Roma Antiga.)

Na verdade, não se sabe ao certo qual a origem do carnaval, assim como a origem do nome, que continua sendo polêmica. Alguns estudiosos afirmam que a comemoração do carnaval tem suas raízes em alguma festa primitiva, de caráter orgíaco, realizada em honra do ressurgimento da primavera. De fato, em certos rituais agrários da Antigüidade, 10 mil anos A.C., homens e mulheres pintavam seus rostos e corpos, deixando-se enlevar pela dança, pela festa e pela embriaguez.

Outros autores acreditam que o carnaval tenha se iniciado nas alegres festas do Egito. É bem verdade que os egípcios festejavam o culto a Ísis há 2000 anos A.C. Em Roma, realizavam-se danças em homenagem a Deus Pã (as chamadas Lupercais) e a Baco (ou Dionísio para os gregos). Rituais Dionisíacos ou Bacanais. No início da Era Cristã, a igreja deu nova orientação a essas festividades, punindo severamente os abusos. Entretanto, se o Catolicismo não adotou o carnaval, suportou-o com certa tolerância, já que a fixação do período momesco gira em torno de datas predeterminadas pela própria igreja.

Tudo indica que foi nesse período que se deu a anexação ao calendário religioso, pois o carnaval antecede a Quaresma. É uma festa de características pagãs que termina em penitência, na dor de quarta-feira de Cinzas. Originariamente os católicos começavam as comemorações do carnaval em 25 de dezembro, compreendendo os festejos do Natal, do Ano Novo e de Reis, onde predominavam jogos e disfarces. Na Gália, tantos foram os excessos que Roma o proibiu por muito tempo. O papa Paulo II, no século XV, foi um dos mais tolerantes, permitindo que se realizassem comemorações na Via Lata, rua próxima ao seu palácio. Já no carnaval romano, viam-se corridas de cavalo, desfiles de carros alegóricos, brigas de confetes, corridas de

corcundas, lançamentos de ovos e outros divertimentos. O baile de máscaras, introduzido pelo papa Paulo II, adquiriu força nos séculos XV e XVI, por influência da *Commedia dell'Arte*. Eram sucesso na Corte de Carlos VI. Ironicamente, esse rei foi assassinado numa dessas festas fantasiado de urso. As máscaras também eram confeccionadas para as festas religiosas como a Epifania (Dia de Reis). Em Veneza e Florença, no século XVIII, as damas elegantes da nobreza utilizavam-na como instrumento de sedução.

Na França, o carnaval resistiu até mesmo à Revolução Francesa e voltou a renascer com vigor na época do Romantismo, entre 1830 e 1850. Manifestação artística onde prevalecia a ordem e a elegância, com seus bailes e desfiles alegóricos, o carnaval europeu iria desaparecer aos poucos na Europa, em fins do século XIX e começo do século XX.

Há que se registrar, entretanto, que as tradições momescas ainda mantêm-se vivas em algumas cidades européias, como Nice, Veneza e Munique.

ETIMOLOGIA DA PALAVRA

Assim como a origem do carnaval, as raízes do termo também têm se constituído em objeto de discussão. Para uns, o vocábulo advém da expressão latina "carrum novalis" (carro naval), uma espécie de carro alegórico em forma de barco, com o qual os romanos

inauguravam suas comemorações. Apesar de ser foneticamente aceitável, a expressão é refutada por diversos pesquisadores, sob a alegação de que esta não possui fundamento histórico.

Para outros, a palavra seria derivada da expressão do latim "carnem levare", modificada depois para "carne, vale !" (adeus, carne!), palavra originada entre os séculos XI e XII que designava a quarta-feira de cinzas e anunciava a supressão da carne devido à Quaresma. Provavelmente vem também daí a denominação "Dias Gordos", onde a ordem é transgredida e os abusos tolerados, em contraposição ao jejum e à abstenção total do período vindouro (Dias Magros da Quaresma).

PERSONAGENS CARNAVALESCAS

Colombina - Como Pierrô e Arlequim, é um personagem da Comédia Italiana, uma companhia de atores que se instalou na França entre os séculos XVI e XVIII para difundir a Commedia dell'Arte, forma teatral original com tipos regionais e textos improvisados. Colombina era uma criada de quarto esperta, sedutora e volúvel, amante do Arlequim, às vezes vestia-se como arlequineta, em trajes de cores variadas, como os de seu amante.

Arlequim - Rival de Pierrô pelo amor de Colombina, usava traje feito a partir de retalhos triangulares de várias cores. Representa o palhaço, o farsante, o cômico.

Pierrô - Personagem sentimental, tem como uma de suas principais características a ingenuidade.

Momo - Personagem que personifica o carnaval brasileiro. Sua figura foi inspirada no bufo, ator de proveniência portuguesa que representava pequenas comédias teatrais que tanto divertiam os nobres.

A ORIGEM DO CARNAVAL BRASILEIRO

Ao contrário do que se imagina, a origem do carnaval brasileiro é totalmente européia. Como afirma a autora Maria Isaura Pereira de Queirós, a comemoração carnavalesca data do início da colonização, sendo uma herança do entrudo português e das mascaradas italianas. Somente muitos anos mais tarde, no início do século XX, foram acrescentados os elementos africanos, que contribuíram de forma definitiva para o seu desenvolvimento e originalidade.

Foi, portanto, graças a Portugal que o entrudo desembarcou na cidade do Rio de Janeiro, em 1641. O termo, derivado do latim "introitus" significava "entrada", "começo", nome com o qual a Igreja Católica denominava o começo das solenidades da Quaresma. No entanto, segundo a mesma autora, as festividades do entrudo já existiam bem antes do Cristianismo, eram comemoradas na mesma época do ano e serviam para celebrar o início da primavera. Com o advento da Era Cristã e a supremacia da Igreja

Católica, passou a fazer parte do calendário religioso, indo do Sábado Gordo à Quarta-feira de Cinzas.

Tanto em Portugal, como no Brasil, o carnaval não se assemelhava de forma alguma aos festejos da Itália Renascentista; era uma brincadeira de rua muitas vezes violenta, onde se cometia todo tipo de abusos e atrocidades. Era comum os escravos molharem-se uns aos outros, usando ovos, farinha de trigo, polvilho, cal, goma, laranja podre, restos de comida, enquanto as famílias brancas divertiam-se em suas casas derramando baldes de

água suja em passantes desavisados, num clima de quebra consentida de extrema rigidez da família patriarcal. Foi esse carnaval mais ou menos selvagem que desembarcou no Brasil com as primeiras caravelas portuguesas e os primeiros foliões.

Com o passar do tempo e devido a insistentes protestos, o entrudo civilizou-se, adquiriu maior leveza, substituindo as substâncias nitidamente grosseiras por outras menos comprometedoras, como os limões de cheiro (pequenas esferas de cera cheias de água perfumada) ou como os frascos de borracha ou bisnagas cheias de vinho, vinagre ou groselha. Estas últimas foram as precursoras dos lança-perfumes introduzidos em 1885.

O Entrudo (1985)

No tocante à música, tudo ainda era muito precário; o entrudo não possuía um ritmo ou melodia que o simbolizasse. Apenas a partir da primeira metade do século XIX, com a chegada dos bailes de máscaras nos moldes europeus, foi que se pôde notar um desenvolvimento musical mais sofisticado.

Máscaras e Fantasias

Em 1834, o gosto pelas máscaras se acentuou no país. De procedência francesa, eram confeccionadas em cera muito fina ou em papelão, simulando caras de animais, caretas, entre outros. As fantasias apareceram logo após o surgimento das máscaras, dando mais vida, charme e colorido ao carnaval, tanto nos salões quanto nas ruas.

Os Bailes

O primeiro baile de máscaras de que se tem notícia no Brasil foi realizado no Hotel Itália (largo do Rócio, RJ) em 1840, por iniciativa dos próprios proprietários italianos, empolgados pelo sucesso dos grandes bailes de máscaras da Europa. A repercussão foi tamanha que muitos outros seguiram-se a este, marcando, também através do carnaval, as diferenças sociais que atingiam a sociedade brasileira : de um lado, a festa de rua, ao ar livre e popular; do outro, o carnaval de salão que agradava sobretudo à classe média emergente no país.

Dos salões, os bailes transferiram-se aos teatros, animados principalmente pelo ritmo da polca - primeiro gênero a ser adotado como música carnavalesca no Brasil - e depois, envolvidos pelo som da quadrilha, da valsa, do tango, do "cake walk", do "charleston" e do maxixe. Até então, esses ritmos eram executados apenas em versão instrumental. Somente por volta de 1880 os bailes passaram a incluir a versão cantada, entoada pelos coros. Em 1907 foi realizado o primeiro baile infantil, dando início às famosas matinês. As novidades não pararam por aí e as modalidades se multiplicavam, como as festas em casas de família, bailes ao ar livre, bailes infantis, e até mesmo bailes em circo. Em 1909, surge o primeiro concurso, premiando a mais bela mulher, a fantasia mais bonita e a melhor dança. Os prêmios eram jóias valiosas e somente os homens tinham direito a voto. Enfim, o carnaval crescia a cada ano, passando a fazer parte da realidade cultural do país, enquanto na Europa já se notava a sua decadência. Por essa mesma época, a classe média preparava-se para invadir as ruas com outra novidade européia: os desfiles de carros alegóricos.

As Sociedades

Até o aparecimento das primeiras escolas de samba, os cortejos carnavalescos das chamadas "sociedades" predominavam no carnaval carioca. O primeiro clube a desfilar, em 1855, chamava-se Congresso das Sumidades Carnavalescas, mencionado acima. As sociedades eram clubes ou agremiações que, com suas alegorias e sátiras ao governo, encontraram uma forma saudável de competição. Em 1856, outra sociedade tomou as ruas: a União Veneziana. Era a coqueluche do Império. Com o tempo, as ruas viam se multiplicar o número de sociedades, tais como a Euterpe Comercial e os

Zuavos Carnavalescos. Muitas competições e dissidências aconteceram até surgirem 3 grandes Sociedades que se consolidaram no carnaval da época: Tenentes, Democráticos e Fenianos.

O Zé Pereira

Em 1846, houve um acontecimento que revolucionou o carnaval carioca : o aparecimento do "Zé Pereira" (tocador de bumbo). Para alguns estudiosos, esse era o nome ou apelido dado ao cidadão português José Nogueira de Azevedo Paredes, supostamente o introdutor no Brasil do hábito português de animar a folia carnavalesca ao som de bumbos, zabumbas e tambores, anarquicamente tocados pelas ruas. A tradição se espalhou rapidamente e o sucesso do "Zé Pereira" foi tão grande que, 50 anos mais tarde, uma companhia teatral resolveu representá-lo numa paródia da peça "Les pompiers de Nanterre" intitulada "Zé Pereira Carnavalesco", na qual o comediante Francisco Correia Vasquez cantaria com melodia francesa a quadrinha que se tornaria famosa :

*"E viva o Zé Pereira
Pois que ninguém faz mal
Viva a bebedeira
Nos dias de carnaval".*

Extinto no começo deste século, o Zé Pereira deixou como sucessores a cuíca, o tamborim, o reco-reco, o pandeiro e a frigideira, instrumentos que acompanhavam os blocos de 'sujos' e que hoje animam as nossas escolas de samba.

Os Cordões

Apesar de estrondoso sucesso dos bailes de salão, foi na esfera popular que o carnaval adquiriu formas genuinamente autênticas e brasileiras. Com a constante repressão ao entrudo, o povo viu-se obrigado a disciplinar as brincadeiras de rua, passando a utilizar a organização das procissões religiosas para a comemoração do carnaval: apareciam então os blocos e cordões, grupos que originariam mais tarde as escolas de samba. Formados por negros, mulatos e brancos de origem humilde, os cordões animavam as ruas ao som dos instrumentos de percussão. Sofreram forte

influência dos rituais festivos e religiosos trazidos da África, legando para as gerações seguintes o costume de se fantasiar no carnaval.

Os cordões possuíam música própria, desfilavam com estandarte e eram comandados pelo apito de um mestre. Daí a importância que tiveram para a formação das futuras escolas de samba.

O primeiro cordão surgiu em 1885 e denominava-se Flor de São Lourenço. Depois deste, outros ocuparam as ruas e assim sucessivamente, atingindo o auge de sua popularidade nos primeiros anos do século XX.

O Rancho

Assim como o cordão, o rancho era uma agremiação carnavalesca modesta, composta por pessoas humildes. Fez a sua primeira aparição no carnaval carioca em 1873. Os ranchos já existiam na cidade antes dessa data por influência nitidamente religiosa. Desfilavam em comemoração aos festejos natalinos no dia 6 de janeiro (Dia de Reis). Fantasiados de pastores e pastoras que rumavam a Belém, o grupo percorria a cidade cantando e pedindo agasalhos em casas de família. Por possuir letra e música próprias, acabaram por criar um gênero musical cadenciado, com grande riqueza melódica: a marcha-rancho.

Com a evolução das escolas de samba, por volta de 1920, os ranchos entraram em declínio, deixando para a posteridade as figuras do mestre-sala, da porta-estandarte e das pastoras ricamente adornadas.

O Corso

O corso, lançado em fins da década de 1900, era um desfile de caminhões ou carros sem capota, adornados, que conduziam famílias ou grupos de carnavalescos dispostos a brincar com os pedestres ou com os ocupantes de outros veículos. O confete, a serpentina e o lança-perfume eram muito utilizados pelos animados foliões. A Av. Central, hoje Rio Branco, inteiramente congestionada por esses automóveis, que circulavam em marcha reduzida, era um dos trechos principais do cortejo.

A moda surgiu no carnaval de 1907, quando as filhas do então presidente Afonso Pena, fizeram um passeio no automóvel presidencial, pela via carnavalesca, de ponta a ponta, estacionando depois defronte à porta de um edifício, de onde apreciaram a festa. Fascinados pela idéia, os foliões que tinham carro começaram a desfilar pela avenida, realizando calorosos duelos com outros veículos.

Há quem afirme que o curso desapareceu com a modernização dos automóveis, quando os veículos de capota alta foram substituídos pelos de linha mais simples. É bem provável que a popularização dos automóveis tenha de fato afastado os foliões das classes alta e média. Na verdade, muitos foram os motivos para o desaparecimento do curso: a dificuldade do tráfego, que já em 1925 amedrontava os foliões, o alto custo da gasolina e a descentralização do carnaval fizeram com que a população fosse buscar outros tipos de manifestação para poder comemorar os festejos de Momo.

As Armas

Lança-perfume - Bisnaga de vidro ou metal, que continha éter perfumado. De origem francesa, chegou no Brasil em 1903.

Serpentina - De origem francesa, chegou no Brasil em 1892.

Confete - Procedente da Espanha, surgiu no Brasil também em 1892.

A Marchinha - A primeira música feita exclusivamente para o carnaval constituindo-se portanto num marco para a história cultural brasileira foi a marcha "Ó abre alas", da maestrina Chiquinha Gonzaga, composta em 1899 e inspirada na cadência rítmica dos ranchos e cordões. Esta marcha animou o carnaval carioca por três anos consecutivos e é até hoje conhecida pelo grande público. A partir de então, as marchas, também conhecidas como marchinhas, caíram no gosto popular. De compasso binário, com acento no tempo forte (primeiro tempo), eram inicialmente mais lentas para que seus dançarinos marchassem em seu ritmo. Com o passar do tempo, tiveram seu andamento acelerado por influência das "Jazz Bands"; daí serem conhecidas também como marchinhas.

Da música **Ó abre alas** aos sucessos carnavalescos de hoje, muitos foram os caminhos percorridos pelos gêneros musicais, até predominarem definitivamente o samba e a marchinha como ritmos prediletos: tango-chula, polca, marcha-rancho, fado brasileiro, marcha-portuguesa, toada, canção, toada-sertaneja, valsa, maxixe, cateretê, chula à moda baiana e marcha-batuque, entre outros.

O desaparecimento das marchinhas...

As marchinhas de carnaval marcaram época, reinaram ao longo de muitos anos e assim foram transmitidas de geração em geração, tendo como principais aliados a divulgação radiofônica, os bailes de salão e as próprias ruas.

Muitos foram os fatores que contribuíram para o seu declínio, mas, sem dúvida, a supremacia da música estrangeira e de outros gêneros carnavalescos (como, por exemplo, o samba-enredo), fizeram com que as gravadoras (multinacionais em sua maioria) mudassem de rumo.

Nas décadas de 30 e 40, o custo de produção de um disco era baixo e a sua difusão, gratuita, o que permitia às gravadoras obterem lucros vantajosos. Com a sofisticação da técnica e o desenvolvimento da indústria fonográfica, houve melhoria na qualidade, mas os custos de produção encareceram substancialmente, dificultando o acesso e a penetração de nossas marchas.

A partir dos anos 60, as gravadoras passaram a não mais investir no gênero. Apesar de algumas tentativas isoladas (principalmente de Braguinha e do apresentador Sílvio Santos), a canção carnavalesca passou a ser considerada um investimento sem retorno; as multinacionais preferiam incrementar os lançamentos de música estrangeira, utilizando os tapes originais, vindo de suas matrizes, com custos muito reduzidos. O lucro fácil passou a imperar no mercado e com isso os nossos artistas foram perdendo o espaço e o entusiasmo.

Decretava-se dessa maneira o declínio do gênero carnavalesco, que perdendo apoio da indústria fonográfica e, conseqüentemente, dos meios de comunicação, acabaria não tendo mais condições de sobrevivência. Restavam aos foliões, além dos velhos clássicos, os chamados sambas-enredo e sambas de quadra que, graças ao

prestígio crescente das escolas de samba, independeriam do disco para se popularizar.***

De fato, o prestígio das escolas de samba aumentava a cada ano e, se não sensibilizou o mercado do disco, acabou atraindo um outro meio de comunicação bem mais sedutor: a própria televisão.

Com a chegada da transmissão em cores, no início dos anos 70, o carnaval passou a ser encarado como um espetáculo (bastante vantajoso por sinal) e com isso as escolas de samba obtiveram amplo destaque na mídia eletrônica. Para os organizadores, o "show" rendia (e rende) tanto através da venda dos ingressos - destinados aos turistas, em sua maioria - quanto das transmissões televisivas.

Sem entrar profundamente no mérito da questão - a participação cada vez menor do povo no carnaval - o fato é que, para a glória das escolas, o samba-enredo pediu e ganhou passagem e vem, ao lado das marchinhas que ainda resistem no salão, assegurando a nossa tradição carnavalesca.

O SAMBA NO CARNAVAL

Identidade

Da mesma forma que o jazz nos Estados Unidos e a salsa (derivada do mambo e da rumba) em muitos dos países caribenhos, o samba é indiscutivelmente o gênero musical que confere identidade ao Brasil. Nascido da influência de ritmos africanos para cá transplantados, sincretizados e adaptados, foi sofrendo inúmeras modificações por contingências das mais diversas - econômicas, sociais, culturais e musicais - até chegar no ritmo que conhecemos. E a história é mais ou menos a mesma para os similares caribenho e americano.

Simbolizando primeiramente a dança para anos mais tarde se transformar em composição musical, o samba - antes denominado "semba" - foi também chamado de

umbigada, batuque, dança de roda, lundu, chula, maxixe, batucada e partido alto, entre outros, muitos deles convivendo simultaneamente!

Do ritual coletivo de herança africana, aparecido principalmente na Bahia, ao gênero musical urbano, surgido no Rio de Janeiro no início do século XX, muitos foram os caminhos percorridos pelo samba, que esteve em gestação durante pelo menos meio século.

A origem da palavra “Samba”

É quase consenso entre especialistas que a origem provável da palavra samba esteja no desdobramento ou na evolução do vocábulo "semba", que significa umbigo em quimbundo (língua de Angola). A maioria desses autores registra primeiramente a dança, forma que teria antecedido a música.

De fato, o termo "semba" - também conhecido por umbigada ou batuque - designava um tipo de dança de roda praticada em Luanda (Angola) e em várias regiões do Brasil, principalmente na Bahia. Do centro de um círculo e ao som de palmas, coro e objetos de percussão, o dançarino solista, em requebros e volteios, dava uma umbigada num outro companheiro a fim de convidá-lo a dançar, sendo substituído então por esse participante. A própria palavra samba já era empregada no final do século XIX dando nome ao ritual dos negros escravos e ex-escravos. Assim se pronuncia Henrique Alves: "Nos primeiros tempos da escravidão, a dança profana dos negros escravos era o símile perfeito do primitivo batuque africano, descrito pelos viajantes e etnógrafos. De uma antiga descrição de Debret, vemos que no Rio de Janeiro os negros dançavam em círculo, fazendo pantomimas e batendo o ritmo no que encontravam: palmas das mãos, dois pequenos pedaços de ferro, fragmentos de louça, etc.. "Batuque" ou "Samba" tornaram-se dois termos generalizados para designarem a dança profana dos negros no Brasil."

Há, no entanto, vozes discordantes, que dão margem a outras versões etimológicas: A autora de *São Ismael do Estácio* menciona a possibilidade de o vocábulo ter-se derivado da palavra "muçumba", uma espécie de chocalho.

Também Mário de Andrade assinala outras origens possíveis para o termo e para a dança. Segundo ele, bem poderia vir de "zamba", tipo de dança encontrada na Espanha do século XVI, além de mencionar o fato de que "zambo" (ou "zamba") significa o mestiço de índio e negro.

A tese defendida por Teodoro Sampaio de que a gênese pudessem advir de termos como "çama" ou "çamba" significando corda (ou a dança da corda) e de que este pudesse ser um ritmo gêmeo do brasileiro samba é totalmente refutada por Henrique Alves, "dada a falta de consistência de influências indígenas no teor da música e da dança, cuja característica é eminentemente africana".

Ainda de acordo com Mário de Andrade ⁷, a palavra "samba" viveu um verdadeiro período de "ostracismo" no início do século, conhecendo variantes coreográficas cultivadas por "brancos rurais" (o coco), para depois ser ressuscitada com vigor pelos fãs do maxixe.

Geografia do samba

Rio de Janeiro, então capital federal: a transferência da mão-de-obra escrava da Bahia (onde se cultivava a cana, o algodão e o fumo) para o Vale do Paraíba (onde se plantava o café), a abolição da escravatura e o posterior declínio do café acabaram liberando grande leva de trabalhadores braçais em direção à Corte; além disso, a volta dos soldados em campanha na Guerra de Canudos também elevou o número de trabalhadores na capital federal.

Muitos desses soldados trouxeram consigo as mulheres baianas, com as quais haviam se casado. Essa comunidade baiana - formada por negros e mestiços em sua maioria - fixou residência em bairros próximos à zona portuária (Saúde, Cidade Nova, Morro da Providência), onde havia justamente a demanda do trabalho braçal e por consequência, a possibilidade de emprego. Não demorou muito para que no quintal dessas casas as festas, as danças e as tradições musicais fossem retomadas, incentivadas sobretudo pelas mulheres.

De acordo com José Ramos Tinhorão, "mais importante do que os homens, foram essas mulheres" - quituteiras em sua maioria e versadas no ritual do candomblé - as

grandes responsáveis pela manutenção dos festejos africanos cultivados naquela redondeza, onde predominavam lundus, chulas, improvisos e estribilhos.

Entre essas doceiras estavam tia Amélia (mãe de Donga), tia Prisciliana (mãe de João de Baiana), tia Veridiana (mãe de Chico da Baiana), tia Mônica (mãe de Pendengo e Carmen do Xibuca) e a mais famosa de todas, tia Ciata, pois justamente de sua casa, à rua Visconde de Itaúna 117 (Cidade Nova), é que "viria a ganhar forma o samba destinado a tornar-se, quase simultaneamente um gênero de música popular do morro e da cidade" ⁹.

Se por um lado o samba como dança e festa coletiva explodia nos quintais, tomava as ruas e se exibia nos desfiles de cordões, por outro, o samba como música e composição autoral dava os seus primeiros passos em casa de tia Ciata. O elemento comum eram os estribilhos, cantados e dançados tanto num lugar como no outro.

"Assim nasceu o samba carioca, após longa gestação, da África à Bahia, de onde veio para ser batucado nos terreiros da Saúde e finalmente, tomando nova forma rítmica a fim de adaptar-se ao compasso do desfile de um bloco carnavalesco."

De fato, nos quintais da casa de tia Ciata reuniam-se bons ritmistas, compositores e verdadeiros mestres da música popular, muitos deles profissionais como Sinhô, Pixinguinha, Donga, Caninha, João da Baiana, Heitor dos Prazeres, Hilário Jovino Ferreira e outros. Não foi à toa que de lá saiu o primeiro samba da música popular brasileira.

Assim se pronuncia José Ramos Tinhorão:

"Ao contrário do que se imagina, o samba nasceu no asfalto; foi galgando os morros à medida em que as classes pobres do Rio de Janeiro foram empurradas do Centro em direção às favelas, vítimas do processo de reurbanização provocado pela invasão da classe média em seus antigos redutos."

Cronologia do Carnaval

Conheça os principais eventos históricos ligados ao carnaval

a.C

4.000 Criação do calendário egípcio, o mais antigo do mundo. Com a descoberta da agricultura são iniciadas as Festas Agrárias dos povos primitivos.

2.000. Surgimento do Deus Campestre Dioniso, na Trácia.

605 a 527. Oficialização das festas a Dioniso (culto a Dioniso) durante o reinado de Pisistrato em Atenas.

443 a 429 Reinado de Péricles. A cidade de Atenas se projeta como um grande centro de arte. Início da repressão ao culto a Dioniso na Grécia. Referências de cultos semelhantes ao de Dioniso no Egito, a festa da Deusa Ísis e do Touro Apís; entre os Hebreus, a Festa das Sáceas; entre os Babilônios, a festa da Deusa Herta.

d C.

186 As Bacanais em Roma geram desordens e escândalos, fatos que levam o Senado Romano a reprimi-las.

325 Concílio de Nicéia, discussão sobre as festas populares.

590 Gregório I, O GRANDE regulamentou as datas do Carnaval, e criou a expressão - "dominica ad carne levandas" - que foi sucessivamente sendo abreviada até a palavra Carnaval.

1464 O PAPA PAULO II incentiva o Carnaval de Veneza.

1723 Introduzido pelos portugueses, das ilhas da Madeira dos Açores e do Cabo Verde que chegaram ao Brasil pelo litoral a partir de Porto Alegre ao Espírito Santo, o Entrudo brasileiro.

1861 Os zuavos Carnavalescos, oriundos do Congresso das Sumidades Carnavalescas após um incêndio em pleno domingo de Carnaval, ganham o nome de Tenentes do Diabo.

1878 Surge a Sociedade Carnavalesca Boêmia, que introduziu no Carnaval Carioca a fantasia CHICARD ou seja, qualidade do que é Chic.

1880 Surge o "morcego" no Carnaval

1885 Segundo Marisa Lyra: a Flor de São Lourenço foi o primeiro Cordão da Cidade.

1889

Surge a Sociedade Carnavalesca Triunfo das Concubinas, o primeiro cordão organizado da Cidade.

As Grandes Sociedades resolvem desfilar na Terça-feira gorda, pois este dia era considerado o dia da verdadeira festa do Carnaval.

A compositora Chiquinha Gonzaga compõe O ABRE-ALAS, considerada primeira música de Carnaval.

1892 Carnaval foi transferido para os dias 26 - 27 e 28 de junho, por ser um mês considerado mais saudável. A ordem foi do Ministro do Interior. O povo comemorou nesse ano dois carnavais.

1901 As passeatas Carnavalescas passam a se chamar Préstitos.

1904 Oficializado o nome Tenentes do Diabo para os Zuavos.

1910 O carnaval é transferido para junho porque morreu o Barão do Rio Branco. Houve dois carnavais.

O surgimento do samba foi um poderoso fator de democratização do Rio de Janeiro. De início a elite reage à "manifestação africana". Imprensa e modernidade acabam por aproximar sambistas e elite.

1925 Realiza-se o primeiro concurso de sambas e marchinhas no Teatro São Pedro.

Fundado o Centro do Cronista Carnavalesco (CCC)

1927 A Gazeta de Notícias realiza a última batalha de confete.

1933 É criada a Associação dos Ranchos Carnavalescos

Por iniciativa da ACC é criada a Associação dos Blocos Carnavalescos.

É organizada a noite dos Blocos.

1936 Eloy Anthero Dias é eleito Cidadão Samba

1937 Proibido o uso de lança-perfume.

1944 Despedida: Zé Espinguela, criador do 1º concurso entre Escolas de Samba

1946 O chamado Carnaval da Vitória (desfile das Escolas de Samba) foi organizado pela União Geral das Escolas de Samba (UGES) e patrocinado pela Associação dos Cronistas Carnavalescos (ACC), por que o Departamento de Turismo da Prefeitura se negou a fazê-lo.

1947 É extinta a Escola de Samba Deixa Malhar, sua bateria para a nova Escola de Samba Império Serrano, através do Mano Eloy. O quesito riqueza, escultura e iluminação é substituído por alegorias.

1949 Primeira transmissão do Carnaval pela Rádio Continental com Paulo Palut, Afonso Soares, Cid Ribeiro e Jorge Sampaio.

Helegária dos Anjos - cria o primeiro destaque de Escola de Samba

1950 Desaparece a Escola de Samba Fiquei-Firme

1952 As Escolas de Samba passam a ser divididas em Grupos.

1955 Calixto introduz os pratos (instrumento musical) na Império Serrano - enredo Duque de Caxias.

1958 Criação do "Grupo Pelés do Samba" na Império Serrano formado por Careca, Jorginho do Império e Jamelão. É precursora da ala "Sente O Drama". A ala dos impossíveis da Portela lança os passos marcados.

1960 Arlindo Rodrigues e Fernando Pamplona, introduzem elementos visuais de figurino e cenografia no desfile da Acadêmicos do Salgueiro , com o enredo Quilombo de Palmares, que revoluciona definitivamente a forma das escolas de samba se apresentarem

1961 Portela e Mangueira passam a cobrar ingressos para o público assistir aos ensaios de quadras.

É nomeado Secretário de Turismo, Victor Bouças e Diretor de Certames Miecio Tati.

1962 Realiza-se o 1º Congresso na cidade do Rio de Janeiro. É instituído o Dia Nacional do Samba.

1963 Desaparecem os bondes da Cidade. Fundada a Ala Sente O Drama do Império Serrano

1966 Realiza-se na cidade de Santos o 1º Simpósio do Samba.

David Ribeiro, Adir Botelho, Fernando Santoro, a Trinca, vencem o concurso de decoração da cidade do Rio de Janeiro (Debret)O quesito "Bandeira" é julgado pela última vez.

1967 Assume a Secretaria de Turismo, Carlos Late, jornalista que assinava uma seção no jornal Última Hora com o pseudônimo de João da Ega. Albino Pinheiro é convidado para ser seu principal assessor.

Realiza-se na cidade de Santos o 2º Simpósio do Samba.

1968 A Portela coloca pela primeira vez a Águia no Abre-Alas (escultura de Bira Sargento)

1969 Realiza-se na cidade do Rio de Janeiro o 3º Simpósio do Samba.

1970 Torna-se obrigatório o envio dos croquis das alegorias e fantasias à censura.

1971 Instituído o tempo dos desfiles das Escolas de Samba.

1972 A Mangueira inaugura a sua quadra de ensaios, o Palácio do Samba, em 07/04

1974

Nascimento, em pleno desfile, de Adeiladinha, filha da passista Finoca que tomara o lugar de Ceci, porta bandeira da Azul e Branco (uma das 3 escolas que deram origem ao Salgueiro), grávida, ostentou o pavilhão até que num volteio mais veloz precisou apoiar-se no mestre-sala Ranulfo. Adelaidinha até os dias de hoje é uma das passistas da Acadêmicos do Salgueiro, ao lado de Finoca.

1980

Criada a Fundação Européia das Cidades de Carnaval (FECC) em Amsterdã, Holanda, cujo principal objetivo é promover encontros anuais nas cidades do mundo que produzem Carnaval. Seu Presidente Henry Van der Kroon.

Suprimido os quesitos Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Comissão de Frente.

É nomeado Coordenador dos Desfiles das Escolas de Samba (RIOTUR) Antônio Lemos (jornalista, cronista, Carnavalesco, ex-diretor do Império Serrano, foi Coordenador de Desfiles que mais tempo permaneceu no cargo (até 1990). Disciplinou os desfiles com uma série de atos que persistem até hoje - 1997).

1981 1e FECC REUNION - PATRAS - 1o Congresso Mundial de Carnaval

A RIOTUR S.A. institui o concurso Zé Pereira, como estímulo ao Carnaval de rua, uma criação de Osmar Frazão. Morrem Neide (porta-bandeira), Mestre André e

Cartola (o 1º da Mocidade Independente e o 2º da Mangueira).

Torna-se obrigatória a presença de uma ala de crianças nos desfiles das Escolas de Samba.

1982 Voltam os quesitos Mestre-Sala, Porta-Bandeira e Comissão de Frente.

1984 A primeira Escola a desfilas na Passarela do Samba foi a Império do Marangá. Leandro Miguel da Silva, de 6 anos foi o primeiro sambista a pisar o asfalto do Sambódromo, em 2/03 1985

1986 Instalados relógios eletrônicos na pista dos Desfiles do Sambódromo para marcar o tempo do desfile

1989

A Escola de Samba campeã passa a ter o direito de escolher o dia e a hora do seu desfile. A Vice-Campeã desfila no outro dia, com o direito de escolher a hora de sua apresentação. O dinheiro arrecadado no desfile não é mais dividido igualmente entre as Escolas desfilantes do Grupo Especial, mas em ordem decrescente de acordo com a colocação final de cada Escola de Samba.

1990 Criado o Grupo Especial, desfile das Escolas de Samba.

Posição da Igreja Evangélica sobre a questão

Como pudemos observar, o carnaval tem sua origem em rituais pagãos de adoração a deuses falsos. Trata-se, por, isso de uma manifestação popular eivada de obras da carne, condenadas claramente pela Bíblia.

Seja no Egito, Grécia ou antiga Roma, onde se cultua, respectivamente, os deuses Osíris, Baco ou Saturno, ou hoje em São Paulo, Recife, Porto Alegre ou Rio de Janeiro, sempre notaremos bebedeira desenfreada, danças sensuais, música lasciva, nudez, liberdade sexual e falta de compromisso com as autoridades civis e religiosas.

Traçando o perfil do século XXI, não é possível isentar a Igreja evangélica deste movimento histórico. Então qual deve ser a posição do cristão diante do carnaval? Devemos sair de cena para um retiro espiritual, conforme o costume de muitas igrejas?

Devemos por outro lado, ficar aqui e aproveitarmos a oportunidade para a evangelização? Ou isso não vale a pena porque, especialmente neste período, *o deus deste século lhes cegou o entendimento?*

Creemos que a resposta cabe a cada um. Mas, por outro lado, a personalidade da Igreja de Deus nasce de princípios estreitamente ligados ao seu propósito: fazer conhecido ao mundo um Deus que, dentre muitos atributos, é santo.

Há quem justifique como estratégia evangelística a participação efetiva na festa do carnaval, desfilando com carros alegóricos e blocos *evangélicos*, o que não deixa de ser uma tremenda associação com a profanação. Pergunta-se, então: será que deveríamos freqüentar boates gays, sessões espíritas e casas de massagem, a fim de conhecer melhor a ação do diabo e investir contra ela? Ou deveríamos traçar estratégias melhores de evangelismo?

No carnaval de hoje, são poucas as diferenças das festas que o originaram, continuamos vendo, imoralidade, promiscuidade sexual e bebedeira.

Como cristãos não podemos concordar e muito menos participar de tal comemoração, que vai contra os princípios claros da Palavra de Deus Romanos 8.5-8; I Co. 6.20).

Evangelismo ou retiro espiritual?

A maioria das igrejas evangélicas hoje tem sua própria opinião quanto ao tipo de atividade que deve ser realizada no período do carnaval.

Opinião, esta que, baseia-se em parte na teologia que cada uma delas prega. Este fato é que normalmente justifica sua posição. A saber: enquanto umas participam de retiros espirituais, outras, no entanto, preferem ficar na cidade durante o carnaval com o objetivo de evangelizar os foliões.

Primeiramente, gostaríamos de destacar que respeitamos as duas posições, pois cremos que os cristãos fazem tudo por amor com a intenção de ganhar almas para Cristo, edificando seu Corpo. Entendemos também o propósito dos retiros espirituais: momentos de maior comunhão com o Senhor. Muitos crentes tem sido edificados pela pregação da Palavra e atuação do Espírito Santo nos acampamentos das igrejas.

Todavia, a oportunidade de aproveitarmos o carnaval para testemunhar é pouco difundida em nosso meio.

Em meio à pressão provocada pelo mundo, a igreja deve buscar estratégias adequadas para posicionar-se à estas mudanças dentro da Bíblia, e não dentro de movimentos contrários a ela. A Bíblia é a fonte, e não fatores externos.

Cristãos de todos os lugares do Brasil possuem opinião diferente s a este respeito de maneira adequada para evangelização no período do carnaval. Mas devemos notar que Cristo nunca perdeu uma oportunidade para pregar. Partindo deste princípio não podemos deixar de levar o evangelho não importando o momento.

Assim devemos lançar mão da sabedoria que temos recebido do Senhor e optar pela melhor atividade para nossa igreja nesse período tão sombrio que é o carnaval.

Bibliografia:

Revista Defesa da Fé

Internet.

Enciclopédia Barsa

**Autores: Pastor João Flávio Martinez & Presbítero Paulo Cristiano da Silva –
Pesquisadores do Centro Apologético Cristão de Pesquisas - CACP**
